

**PEDRO ANTÔNIO GABRIEL E A POESIA EM DESVIO:
CIBERCAMINHOS**

Jennifer da Silva Gramiani Celeste | CES/JF | Mestranda em Letras |
djeceleste@gmail.com |
Prof.^a Dr.^a Juliana Gervason Defilippo | CES/JF | Doutora em Estudos Literários |
julianagervason@cesjf.br |

RESUMO

A partir da confecção do presente estudo, relacionado ao eixo temático “Literatura: Meios e Mediações”, objetiva-se compreender a dinâmica de produção e divulgação poética brasileira no ciberespaço. Para este feito, serão analisadas as publicações do escritor Pedro Antônio Gabriel. O processo de produção deste autor é demasiado inusitado em virtude de ter tido seu início no suporte guardanapo e seu compartilhamento em mídias digitais que, ao menos em um primeiro momento, não eram destinadas à divulgação do fazer literário. Somente após sucesso no ambiente virtual o autor conquistou espaço entre as editoras, vindo a publicar seus trabalhos de forma impressa. Por este caminho que percorreu – e ainda o faz –, é considerado um dos principais estimuladores quanto à produção de poesia em meio virtual, tendo influenciado jovens autores. Nesta perspectiva percebe-se que meios e mediações oriundos dos ciber caminhos em muito estão influenciando a produção poética brasileira atual. Justifica-se a realização deste trabalho com base na relevância em se compreender as transfigurações experienciadas pela Literatura Brasileira Contemporânea e o movimento que demarca a atual produção poética no Brasil, influenciada pelo advento da Internet. É possível afirmar, com base na teoria elencada para este trabalho e, também, nas leituras realizadas em relação a algumas específicas produções poéticas de Pedro Antônio Gabriel, que este oferece aos leitores distintas possibilidades de compreensão quanto aos fatos que circundam a trajetória de seu curso vital e sua inserção e atuação na sociedade contemporânea. Devido aos diálogos que são empreendidos junto ao seu leitor, sobretudo em virtude do espaço no qual se dá sua produção, Pedro Antônio Gabriel proporciona condições favoráveis ao desenvolvimento de olhares e de posicionamentos às questões e às singularidades inerentes aos sujeitos, a partir e através da poesia.

Palavras-chave: Poesia. Pedro Antônio Gabriel. Literatura Brasileira Contemporânea. Internet.

ABSTRACT

From the preparation of the present study, related to the thematic axis "Literature: Media and Mediation", aims to understand the dynamics of production and Brazilian poetic dissemination in cyberspace. For this achievement, the publications of the writer Pedro Antônio Gabriel. The production process of this author is too unusual because it had its beginning in the napkin holder and its sharing in digital media that, at least in the first moment, were not intended for the dissemination of literary work. Only after success in the virtual environment did the author gain space among the publishers, coming to publish their works in printed form. Through this path he had traveled – and still does – is considered one of the main stimulators for the production of virtual poetry, having influenced young authors. In this perspective it is possible to perceive that media and mediations coming from cybercourses are influencing the current Brazilian poetic production. It is justified to carry out this work based on the relevance of understanding the transfigurations experienced by Contemporary Brazilian Literature and the movement that demarcates the current poetic production in Brazil, influenced by the advent of the Internet. It is possible to affirm, based on the theory listed for this work and also on the readings made in relation to some specific poetic productions of Pedro Antônio Gabriel, that this one offers the readers different possibilities understanding about the facts that surround the trajectory of its vital course and its insertion and actuation in contemporary society. Due to the dialogues that are undertaken with his reader, especially in virtue of the space in which his production takes place, Pedro Antonio Gabriel provides favorable conditions for the development of looks and positioning to the questions and the singularities inherent to the subjects, from and through poetry.

Keywords: Poetry. Pedro Antônio Gabriel. Contemporary Brazilian Literature. Internet.

1 INTRODUÇÃO

O ciberespaço e a cibercultura estão transformando a Literatura, tanto do ponto de vista estrutural – ao permitir a inserção de novos espaços na narrativa – quanto de sua produção. As facilidades oferecidas pelas novas tecnologias estão possibilitando a formação de novos autores e contribuindo para um maior acesso ao texto literário. Estes ciber caminhos interferem diretamente na Literatura, causando mutações de conceitos e valores cristalizados, ressignificando a relação entre Internet e Literatura.

É diante deste quadro de produção e reflexão acerca do fazer literário que propomos pensar a poesia brasileira contemporânea conforme vem sendo compartilhada por poetas digitais, mais especificamente o caso de Pedro Antônio Gabriel, o poeta descoberto no *Facebook* no ano de 2012 e viralizado, via *Instagram*, com sua criação **Eu me chamo Antônio** (Intrínseca, 2013). Embora as imagens que compartilha em suas mídias cumpram, basicamente, com o que preteritamente compreendíamos como poesia e, principalmente, flertem com o estilo de *Hai Kai* e versos próprios de autores como Paulo Leminski, sua produção textual goza de hibridização típica da produção atual¹.

¹ Também se desenvolveu a este respeito no transcórre do artigo **De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel: diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea**

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Graça Paulino, ao citar Jonathan Culler, “[...] durante 25 séculos [...] as pessoas produziram obras que hoje chamamos de literatura, embora o sentido moderno do termo tenha pouco mais de 200 anos de idade [...]” (PAULINO, 2014, p. 80). Neste sentido, a autora completa:

[...] Isso significa que não podemos permanecer presos a esse sentido romântico do termo, uma vez que muitos textos considerados literários na época já não o são, e outros, postos à margem da literatura, hoje são admitidos como a ela pertencentes [...] (PAULINO, 2014, p. 80).

Ainda é Culler quem coloca conceitos em atrito, ao afirmar que “[...] a Literatura é uma instituição paradoxal porque criar Literatura é escrever de acordo com fórmulas existentes, mas é também zombar dessas convenções, ir além delas [...]” (1999, p. 47).

A discussão proposta para este artigo situa-se nas possibilidades várias que se estendem nos cibercaminhos atualmente democratizados tanto para o público leitor, quanto para o autor – e por que não dizer, também, para o mercado editorial. O espaço virtual coloca-se, hoje, como um local de produção, veiculação, divulgação, experimentação e criação que interferem se não parcialmente, completamente no texto literário atualmente produzido, sendo assim:

[...] não é possível, especialmente com o avanço dos universos digitais e multimídias, continuar trabalhando apenas verbalmente a literatura. A própria noção de texto passou por uma ampliação semiótica hoje inquestionável [...] (CULLER, 1999, não paginado).

Assim como a Literatura Infantil, essa Literatura oriunda dos cibercaminhos está traçando novos conceitos e exigindo novas teorias para que possa ser melhor compreendida e definida pelo público consumidor, leitor e, sobretudo, científico. Segundo Peter Hunt, a Literatura Infantil só foi capaz de tomar sua própria identidade a despeito do espaço marginal que ocupava dentro do campo literário, porque “[...] os olhos e os corpos das crianças se tornaram vanguardistas, porque aceitaram as tranças e mudanças das linguagens mais depressa que nós [...]”. E continua:

[...] O livro, o filme, o vídeo, os recontos, as prequelas e sequelas, a comercialização, os diários, a série de televisão com novos episódios, o making of das séries de tevê, os antecedentes da história, as biografias dos astros [...] todos são parte da experiência daquilo que, por redução, chamamos de texto. A literatura infantil, talvez de forma mais óbvia que outras formas literárias, desde o início fez parte disso – adaptando, refazendo, absorvendo – e foi movida simultaneamente por criatividade, interesse e mercantilismo [...] (HUNT, 2010, p. 287 - 288).

A Literatura Infantil, então excluída das teorias e isolada em um espaço que estava longe de ser considerado literário, pode então formar-se plural tal como é atualmente porque seu público leitor estava livre das amarras que definem o literário. E, dessa forma, diante da flexibilidade do público que a consumia, permitiu aos seus

autores e ao mercado que a circulava, romper com o próprio conceito de Literatura, criando um novo espaço hoje validado e pesquisado pela grande crítica.

É neste caminho que pensamos o texto produzido e afetado pelos cibercaminhos. A Internet não é apenas um marco para as relações humanas, políticas, econômicas, sociais ou culturais, por exemplo. Interfere e transforma também os conceitos que até então construímos e concebemos ao texto literário, remodelando-o e transformando-o.

Paralelo a um forte aquecimento do mercado editorial em que as publicações oriundas deste ciberespaço lançam escritores de forma veloz, surgem discursos extremamente críticos a respeito do conteúdo e da qualidade deste material. Este artigo não pretende, por ora, discutir critérios de valor a respeito das publicações impressas e, sobretudo, dos conceitos que validam e legitimam estes autores oriundos do espaço virtual. Seja ao nos referirmos à produção publicada ou virtual de Pedro Antônio Gabriel, seja a qualquer outro autor oriundo e, sobretudo, valorizado no espaço virtual. Nota-se nas colunas de jornais e alguns artigos publicados em revistas fora da academia, a redução deste movimento ao que chamam de fenômeno das massas e, ainda, como uma moda que será tão passageira como foi a dos livros para colorir. A este respeito, citamos o crítico Umberto Eco:

[...] O universo das comunicações de massa é – reconheçamo-lo ou não – o nosso universo: e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva [...] (ECO, 2015, p. 15).

Ao comentário de Eco, adicionamos agora também a Internet. Sabemos que a primeira característica do produto de massa, conforme também afirma Eco (2011), é a efemeridade, e compreendemos que este fenômeno, ou esta moda, precisa de um atento e cuidadoso olhar para que dele seja possível retirar os apontamentos apocalípticos e, sobretudo, os apontamentos integrados.

Deste modo, faz-se necessário ensaiar uma compreensão da Literatura Contemporânea, logo, da produção literária de Pedro Antônio Gabriel, por exemplo, que envolve uma percepção multi e interdisciplinar. A pesquisadora Beatriz Resende permite-nos compreender, por meio de sua fala, a produção atual e a relevância que há em estudá-la, principalmente se analisarmos sua afirmação, pensando nos textos poéticos oriundos do espaço virtual:

[...] Em praticamente todos os textos de autores que estão surgindo revela-se, ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada, mesmo nos autores muito jovens deste início de século. Imaginação, originalidade na escrita e um surpreendente repertório [...] nossos escritores parecem estar escrevendo tão rápido quanto bem [...] (RESENDE, 2008, p. 17).

Presente em mídias diversas, concedendo entrevistas e participando de eventos literários e acadêmicos, a versatilidade e a experiência de Pedro Antônio Gabriel nas múltiplas linguagens – e pontos de vista – são traduzidas nos seus textos e na sua arte. Não é por menos que atinge vários públicos. Sua poesia, de forma geral, embora não seja essa a característica que o define, traduz momentos insignificantes do cotidiano, mas, que sob o olhar do poeta, transformam-se em crônica, crítica, humor, reflexão, enfim, arte. O poeta em voga, então, vem produzindo poesia visual com tons críticos,

utilizando para tanto, na maioria das vezes, a ludicidade para compor a qualidade artística do seu trabalho poético.

Em específicas produções poéticas, Pedro Antônio Gabriel chama atenção para a importância de se tomar como guia um olhar envolto por delicadeza, sutileza e sensatez, peculiaridades comuns ao texto poético, para que seja possível enfrentar os obstáculos e obscuridades inerentes à vida. Como este olhar se faz necessário, são necessários também os poetas que, ao encarnarem o papel de ser humano, para o Pedro Gabriel, vivem suas dores e seus risos. Enfim, tornam a vida um pouco mais palatável. Sobre este pressuposto, Paz (2012) acrescenta que

[...] quase sempre a leitura se apresenta como revelação de algo alheio à poesia propriamente dita [...] E não é só a história que nos faz ler um mesmo texto com olhos diferentes. Para alguns, o poema é a experiência do abandono; para outros, do rigor. Os jovens leem como se só no poema as nebulosas, pressentidas feições do amor, do heroísmo ou da sensualidade pudessem ser vistas com nitidez. Cada leitor procura alguma coisa no poema. E não é nada estranho que a encontre: já a tinha dentro de si [...] (PAZ, 2012, p. 32).

A perspectiva deste poeta leva ao encontro das respostas que se perdem no decorrer do caminhar da vida, estas respostas que sempre estiveram presentes e, que de alguma forma, diluíram-se em meio à liquidez do turbilhão de acontecimentos que se fazem comuns em tempos contemporâneos.

Segundo a pesquisadora Silva Helena Cyntrão:

[...] Como vetor estético de representação do contemporâneo, podemos dizer que o texto poético é um produto cultural que trabalha com a transfiguração do real, manipulando um capital simbólico coletivo. Pergunta-se, então, qual o espaço ocupado pelo poeta e pela poesia, hoje? Em que lugar ou não-lugar se encontra? Como começar a obter essas respostas? O que se fala, se fala de onde? Isso faz toda a diferença... [...] (CYNTRÃO, 2008, p. 83).

A autora refere-se ao mapeamento que realizara ao longo da produção poética brasileira dos anos 1990 até o momento de publicação do texto, em 2008. É evidente que sua afirmação não se relaciona à poesia de Gabriel, porém, dadas as condições e o atual contexto da Literatura Brasileira, as considerações de Cyntrão (2008) tornam-se ainda atuais. Isso porque, em virtude da recepção do público internauta e, consequentemente, do público leitor, Gabriel pode vislumbrar a transposição de seus textos do ambiente digital para o material. O fenômeno alcançado pela vendagem de seus livros, assim como pelas curtidas, compartilhamentos e números de seguidores, sustenta que de alguma forma, a poesia de Gabriel manipula esse capital simbólico coletivo ao qual Cyntrão (2008) reporta.

3 OBJETIVOS

A partir da confecção deste artigo, objetiva-se suscitar reflexões e compreender a dinâmica de produção e divulgação poética brasileira no ciberespaço, pautando-se, especificamente, nos ciber caminhos percorridos pelo poeta Pedro Antônio Gabriel.

4 METODOLOGIA

Para embasar a discussão recorrer-se-á às obras de autores oriundos dos campos de estudo relativos à Cibercultura, como Nicholas Carr, Manuel Castells e Pierre Lévy, e à Literatura, como Beatriz Resende, Leyla Perrone-Moisés e Octavio Paz.

5 DESENVOLVIMENTO

Ao longo da história do livro, diversos suportes foram utilizados para armazenar as informações contidas nos textos. Do rolo de papiro ao formato digital, muitas mudanças na relação do leitor com o texto ocorreram e certamente a mudança do suporte em formato livro para a tela provavelmente não será a última, conforme as novas tecnologias podem atestar. A convergência digital permitiu que diferentes formatos se unissem em uma única linguagem, a binária, sendo possível a utilização de um só suporte para armazenar tanto arquivos audiovisuais, quanto textuais.

No entanto, ainda há uma lacuna a ser preenchida ao se tratar da materialidade, já que ao transportarmos um livro físico para o meio digital, há uma perda na relação sensorial do leitor com o objeto livro. Os sentidos que antes eram estimulados durante uma leitura, como o tato, ao tocar as páginas, o olfato, ao sentir o cheiro e a visão, ao apreciar o trabalho de editoração na edição física, são exemplos de experiências sensoriais que ficam reduzidas ao texto linear quando lido em um leitor digital. Além disso, o afeto direcionado antes ao objeto-livro nem sempre é redirecionado ao suporte digital, o que faz com que muitos leitores tradicionais ainda não tenham aderido a essa opção de leitura. Na contramão deste movimento, tem-se formado um novo tipo de leitor, aquele que prioriza o conteúdo do texto e não mais o conjunto do objeto-livro e toda a experiência proporcionada pela leitura no papel. As empresas e plataformas de leitores digitais tentam criar uma relação mais estreita entre seus leitores, como estímulos afetivos ou diálogos com outras mídias, expandindo os espaços da leitura, para além do próprio livro. Porém, não obstante às questões mais subjetivas, há outras facilidades particulares dos livros digitais: não ocupam espaço e tem – em sua grande maioria – um valor abaixo do preço usual do livro impresso.

Autores, leitores e editores estão, cada um à sua maneira, ditando algumas regras na Literatura que, diferente das gerações passadas, hoje não se restringe apenas a um meio, mas circula em todos e é definida por todos. Se em nosso passado literário tivemos momentos cuja produção supria apenas um desses grupos, hoje percebemos que os três dialogam em uma constante permuta, ora para suprir as demandas editoriais, ora para corresponder com as solicitações do público. Diferente do que profetizaram grandes autores a respeito do fim do livro, o quadro atual de produção e consumo permite novas assertivas a respeito deste fim, quando não possibilita um olhar menos apocalíptico e mais otimista diante de um movimento que em muito tem contribuído e muito pode contribuir para a Literatura. Este mercado vem se delineando nos últimos anos e, concomitante à validação propiciada pelo ambiente virtual, tem se definido como grande aliado ao fazer literário e ao consumo dos objetos advindos desta prática.

Hoje, uma parte da crítica e da pesquisa está voltada a estudar e, finalmente, validar a Literatura que, em certa época, esteve fadada ao descaso. Em um ano em que Lima Barreto é cultuado na Festa Literária de Paraty (2017), fica a relevância e a persistência desta linha de discussão. Nem sempre o que uma época ignora no contexto literário estará fadado ao descaso e esquecimento. O que nos leva, em consonância com

o que afirmam Culler (1999) e Paulino (2014), a considerar que o próprio conceito de Literatura não está fixado e restrito a este ou aquele material.

Reforçando ainda o fato de que a poesia, gênero antes relegado a uma minoria leitora e excluído do ambiente editorial – restrito a selos ou editoras menores e voltadas a esse tipo de produção –, passa agora a desfrutar de local de destaque nos catálogos das editoras brasileiras. Seja através da reedição cuidadosa da obra de autores como Paulo Leminski e Ana Cristina Cesar, seja via aposta editorial em escritores iniciantes que, no espaço virtual, conquistaram adeptos, fãs e leitores em números significativos para este mercado de consumo. Nota-se, sobremaneira, que a poesia de Pedro Gabriel fala de um lugar ocupado por muitas vozes – dada a pluralidade de seguidores que o acompanham em suas plataformas virtuais de socialização – e mantém-se fiel ao que Paz sentencia “[...] o poema não é uma forma literária, mas o ponto de encontro entre a poesia e o homem [...]” (2012, p. 22). Ao reunir a palavra – objeto puro da poesia – com a imagem – objeto principal da pós-modernidade e seus ambientes virtuais – Pedro Gabriel cria um desvio poético apenas possível porque foi capaz de ressignificar tanto o gênero quanto, e principalmente, os cibercaminhos que utilizou para ele compartilhar.

Consonante com os dados apresentados por Cyntrão (2008) em seu mapeamento, a lírica de Gabriel deixa de ser somente som e ritmo relativizando até mesmo o conceito de rima e verso, passando então a ser, sobretudo, visual. O suporte não é mais o livro, embora – dada a materialidade ainda presente nesta geração de leitores – retorne ao livro. As imagens que compõem os poemas de Gabriel e formam o que a editora qualifica – equivocadamente ou não – como romance, diluem o conceito de Literatura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este movimento de manufatura literária e poética empreendido por jovens internautas, que são convidados à também imergir nas páginas das publicações impressas, desbravando outros terrenos para além de suas redes sociais virtuais de origem, demonstra, na atualidade, as transfigurações e diluições de conceitos e concepções experienciadas pela Literatura Brasileira Contemporânea. Não somente a partir da confecção e divulgação de poemas no ciberespaço e nos livros tal dinâmica pode ser percebida. A assinatura de obras por jovens influenciadores digitais de sucesso – como Bruna Vieira, Christian Figueiredo, Felipe Neto ou Kéfera Buchmann – também torna evidente os rumos tomados pela indústria literária da sociedade contemporânea e digital, haja vista o espaço concedido a jovens navegantes até então pouco cativos às práticas de escrita e leitura, já que envoltos pelos aparatos propiciados pelo advento das novas tecnologias que trouxeram junto consigo as previsões apocalípticas quanto ao fim da Literatura, das publicações de caráter impresso e do mercado literário.

Desta maneira, é preciso melhor conceber os caminhos hoje trilhados pela Literatura, ainda que esta não abarque, única e exclusivamente, autores e obras canônicos, legitimados pela crítica ou pela academia. Afinal, como argumentado por Pierre Lévy (2010), todas e quaisquer discussões acerca da atualidade devem levar em consideração o movimento de expansão cotidianamente realizado pelos aparatos tecnológicos e suas facetas. Consoante a esta colocação e concernente ao contexto de análise contemplado por este breve artigo, a professora Maria Tereza Freitas (2005) enfatiza: “[...] o ciberespaço é certamente um dos futuros da leitura e da escrita, e é nessa perspectiva que para ele dirigimos nossa atenção” (2005, p. 16). Faz-se importante, então, estarmos preparados para perceber a emergência de terrenos férteis

de produção e as possíveis mutações inerentes aos textos literários e poéticos, como já nos tem demonstrado Pedro Antônio Gabriel e tantos outros internautas navegantes nos mares da Internet e, também, da Literatura. Defronte desta concepção, faz-se relevante, então, pensar acerca dos cibercaminhos percorridos pelos textos literários e poéticos na contemporaneidade, bem como enveredar-se por seus desvios.

REFERÊNCIAS

CYNTRÃO, Silva Helena. **O lugar da poesia brasileira**

contemporânea: um mapa da produção.

Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2011/04/8-O-lugar-da-poesia-brasileira-contempor%C3%A2nea-um-mapa-da-produ%C3%A7%C3%A3o.pdf> >

Último acesso em 21 jul. 2017.

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani; DEFILIPPO, Juliana Gervason.

De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel: diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea. **Migulim - Revista Eletrônica do Netli**,

Crato, v. 6, n. 1, p. 134-150, jan.-abr. 2017.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia

da internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.).

Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola.

Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GABRIEL, Pedro Antônio. **Eu me chamo Antônio**. São Paulo: Intrínseca, 2013.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2010.

PAULINO, GRAÇA. “O tempo e o campo do jogo: onde está a literatura?”.

In: BELMIRO, Celia Abicalil *et al.* **Onde está a literatura?** Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PAZ, Octavio. Poesia e poema. In: PAZ, Octavio. **O arco e a lira**.

São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressão da literatura brasileira no século XXI. São Paulo: Casa da Palavra, 2008.